

08

Indícios de mudança linguística no Português Europeu: um estudo exploratório sobre o falar dos jovens da zona da Beira Baixa

Joana Carolina Pires Inácio
Universidade da Beira Interior

Paulo Osório
Universidade Aberta / Centro de Linguística
da Universidade de Lisboa

Leonardo Lennertz Marcotulio
Universidade de Aveiro

Resumo_ Este estudo investiga a mudança linguística no falar de jovens da Beira Baixa (Portugal), comparando os seus usos fonéticos, morfossintáticos e lexicais com os de falantes mais velhos da mesma região (Inácio, Osório & Marcotulio, 2025). A pesquisa baseia-se em entrevistas e questionários aplicados a informantes entre 18 e 40 anos, analisando se os traços anteriormente característicos da região ainda se mantêm. Os resultados preliminares sugerem o desaparecimento de vários fenómenos fonéticos tradicionais, mudanças morfossintáticas e a introdução de elementos lexicais novos. Também se verifica a substituição lexical de variantes regionais por formas mais padronizadas.

Palavras-chave_ mudança linguística; Beira Baixa; português europeu; variação dialetal; sociolinguística.

Sumário_ 1. Introdução. 2. Metodologia. 2.1. Entrevistas. 2.2. Questionário lexical. 3. Análise dos dados. 3.1. Fonética. 3.2. Morfossintaxe. 3.3. Léxico. 4. Considerações finais. 5. Referências bibliográficas.

Evidence of linguistic change in European Portuguese: an exploratory study on the speech of young people from the Beira Baixa region

Abstract_ This study investigates linguistic change in the speech of young people from Beira Baixa (Portugal), comparing their phonetic, morphosyntactic, and lexical usage with that of older speakers from the same region (Inácio, Osório & Marcotulio, 2025). The research is based on interviews and questionnaires conducted with informants between the ages of 18 and 40, analyzing whether features formerly characteristic of the region are still present. Preliminary results suggest the disappearance of several traditional phonetic phenomena, morphosyntactic changes, and the introduction of new lexical elements. Lexical replacement of regional variants with more standardized forms is also observed.

Keywords_ linguistic change; Beira Baixa; european portuguese; dialectal variation, Sociolinguistics.

Contents_ 1. Introduction. 2. Methodology. 2.1. Interviews. 2.2. Lexical Questionnaire. 3. Data Analysis. 3.1. Phonetics. 3.2. Morphosyntax. 3.3. Lexicon. 4. Final Considerations. 5. References.

Joana Carolina Pires Inácio. Orcid 0009-0007-7613-1858. piresjoana2105@gmail.com. Universidade da Beira Interior. Portugal.

Paulo Osório. Orcid 0000-0001-6009-6970. paulo.osorio@uab.pt. Universidade Aberta / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Portugal

Leonardo Lennertz Marcotulio. Orcid 0000-0001-8227-5144. Imarcotulio@ua.pt. Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro. Portugal

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro e, ainda, com verbas do projeto estratégico do UIDB/00214 do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

1.

Introdução

Desde o final do século XIX, os falares das Beiras têm sido objeto de estudo na Dialectologia Portuguesa. Leite de Vasconcelos (1911), por meio do seu *Mapa Dialectológico* (1893–1897), foi um dos primeiros a propor a existência de um “dialeto beirão”, subdividido conforme as diferentes regiões da Beira: subdialeto da Beira ocidental, subdialeto alto-beirão e o subdialeto baixo-beirão. Décadas mais tarde, Paiva Boléo e Maria Helena Santos (1974), no *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal* (1959-1962), questionaram essa classificação, adotando o termo *falares* para se referirem a essas variedades, com base no reduzido afastamento entre elas, e reservando o conceito de *dialeto* para casos de maior diferenciação, como o mirandês e outras variedades do asturo-leonês.

Outros autores, como Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, na sua *Gramática Portuguesa* (1971), sugeriram uma divisão do território português em três grandes zonas dialetais – Norte, Centro e Sul – considerando as Beiras como uma área de transição entre o norte e o sul, sem traços linguísticos particulares que as individualizassem. Lindley Cintra, na *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses* (1971), por sua vez, propôs uma nova classificação, exclusivamente baseada em critérios linguísticos, que divide os dialetos galego-portugueses em três grandes grupos: galegos, portugueses setentrionais e portugueses centro-meridionais. Segundo Cintra, o reconhecimento de um dialeto está diretamente relacionado à presença de traços fonéticos percebidos pelos próprios falantes. Pela proposta de Cintra (1971, 1983), para a zona que nos interessa particularmente neste estudo, destacam-se os falares de três zonas com forte personalidade própria: Beira Baixa, Alto Alentejo e a região do Barlavento algarvio.

Embora não haja uma delimitação linguística precisa, pode-se considerar a separação entre os dialetos do centro-litoral (estremenho-beirões), por um lado, e os dialetos ribatejanos, baixo-beirão, alentejanos e algarvios, por outro. A fronteira entre esses dois grupos de dialetos poderia ser uma das isófonas propostas por Cintra, nomeadamente a relativa à monotongação do ditongo *ei*, que vai desde o norte de Lisboa até ao sul de Torres Vedras, seguindo em direção ao norte ao longo da costa, abarcando as regiões dos dialetos centro-interior e do sul. Apesar das diversas propostas classificatórias, estudiosos como Fernando Brissos (2011) destacam que a região da Beira Baixa ainda sofre com a escassez de estudos aprofundados, apresentando um conjunto significativo de questões linguísticas por resolver.

De modo a trazer alguma luz a esta discussão, com o objetivo de analisar fenómenos linguísticos de natureza fonética, morfossintática e lexical que caracterizam a variedade dialetal do Português Europeu falado na região da Beira Baixa, Inácio, Osório e Marcotulio (2025) analisam dados empíricos provenientes de três *corpora* disponíveis no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa: o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), o *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN) e o *Mapa Dialectal Sonoro* (MADISON), extraídos das entrevistas realizadas em seis localidades da Beira Baixa: Idanha-a-Nova, Monsanto, Porto de Vacas, Unhais da Serra, Isna e Malpica do Tejo. Nos *corpora* consultados, os informantes eram, preferencialmente, indivíduos com mais de 50 anos, baixa escolaridade e forte inserção local, o que assegura a representatividade dialetal.

A exploração do material permite observar uma série de aspetos linguísticos que poderiam caracterizar a variedade investigada (Segura, 2013). No âmbito da fonética, a palatalização do “a” tónico, como em *pux[e]vam* (‘puxavam’), ocorre quando há vogais altas na sílaba pretónica, sendo um fenómeno amplamente documentado na região; a labialização do “e” tónico para [œ], como em *faz[œ]r* (‘fazer’), apesar de menos frequente nos dados analisados, é considerada um traço típico do dialeto beirão; diferentemente do que se encontra em Lis-

boa, não se regista a presença de [e] em terminações como *-elha*, *-enho*, mantendo-se a realização [e], como em *ov[e]lha* ('ovelha'); a redução ou inserção da vogal "i", com destaque para a inserção em final de palavra (ex.: *vender* > *venderi*); a palatalização do "u", identificada como um dos traços mais regulares e caracterizadores do falar da Beira Baixa, como em *r[ü]a*; a monotongação de ditongos, sobretudo *ei*, *eu* e *ão*, frequentemente produzidos como vogais simples, como *meu* > *me*, *não* > *nu*; a realização da africada palatal surda [tʃ], conservada em várias localidades, como em [ʃtʃemeʃsi] (*chamão-se*); e, por fim, a supressão de [s] em final de palavra, observada em advérbios como *pois* e *depois*, produzidos como [poj] e [dipoj].

Na morfossintaxe, verificaram-se as seguintes construções gramaticais: o uso da preposição "a" antes de infinitivos, como em *ir a buscar*, *mandam-nos a rezar*; o uso do pronome "ele" expletivo, utilizado com função enfática, sem referência definida, como em *Ele aparece-me a burra com as impingens...*; o uso de pronomes clíticos em próclise (*se tomam*), em vez da forma enclítica (*tomam-se*); o uso de advérbios de lugar em posição pré-verbal, como em *cá vendi*; e, por fim, o uso da expressão "ao depois", variante de *depois*, com estatuto de locução adverbial.

Em termos lexicais, identificaram-se vocábulos que divergem da norma-padrão, incluindo palavras regionais dicionarizadas, como *botar*, *acartar*, *machos*, *giesta*; palavras não dicionarizadas ou de significado restrito: *benzilhões* (homens que tinham a função de benzer), *carroigos* (variante sinónima de *cesta*), *vaganha* (ferramenta para ceifar), *aconhar* (variante sinónima de *recolher*), *zangarilho* (instrumento de trabalho agrícola); bem como algumas palavras de uso metafórico ou alterado, como *pintas* (referindo-se a *espalhar pomada*).

Embora vários dos fenómenos analisados já tivessem sido observados por estudiosos como Leite de Vasconcelos e Lindley Cintra, a variedade da Beira Baixa ainda carece de atenção detalhada. O estudo de Inácio, Osório & Marcotulio (2025) contribui, portanto, para mostrar que a variedade linguística da Beira Baixa é rica e distinta, preservando traços antigos do português europeu, bem como algumas particularidades que poderiam sinalizar a sua individualização.

Uma vez que o trabalho de Inácio, Osório & Marcotulio (2025) explora dados produzidos por falantes mais velhos durante a segunda metade do século XX, nomeadamente no terceiro quartel do século, a seguinte questão pode ser colocada: estariam os fenómenos registados por Inácio, Osório & Marcotulio (2025) em operação atualmente ou a realidade linguística ao fim do primeiro quartel do século XXI, cinquenta anos depois, apontaria para um cenário de mudança? De modo a dar alguma resposta a esta questão, este estudo, de natureza exploratória, analisa amostras produzidas por informantes jovens no ano de 2024.

Este texto organiza-se da seguinte forma. Na próxima secção, 2, apresentam-se, na metodologia, os *corpora* utilizados e os procedimentos metodológicos adotados para a recolha e tratamento dos dados. A seguir, na secção 3, apresentam-se os resultados nos âmbitos da fonética, da morfossintaxe e do léxico. A esta secção, seguem as considerações finais e as referências bibliográficas.

2.

Metodologia

Utilizaram-se duas estratégias metodológicas distintas para a recolha de dados. Em primeiro lugar, levou-se a cabo uma recolha de entrevistas de conversa espontânea com cinco jovens naturais de diferentes localidades da Beira Baixa, nomeadamente de concelhos do distrito de Castelo Branco (Portugal). Estas entrevistas permitem analisar aspetos fonéticos e morfossintáticos. Em segundo lugar, para uma análise do domínio lexical, procedeu-se a um questionário lexical na plataforma *Google Forms*, do qual foram obtidas 119 respostas.

No que se refere à análise dos dados, optou-se por fazer um estudo qualitativo, que ajuda a compreender os resultados obtidos, e um estudo quantitativo, que facilita a representação desses mesmos resultados, através da elaboração de gráficos de barras e gráficos circulares.

2.1. Entrevistas

Todas as entrevistas realizadas respeitaram a privacidade total do informante. Os participantes foram informados acerca do objetivo da entrevista que lhes iria ser feita, aceitando de imediato participar na mesma. Todas as entrevistas decorreram em locais fechados, isolados de terceiros e de possíveis interrupções, tais como residências particulares e estabelecimentos comunitários. De salientar ainda que as entrevistas foram realizadas em momentos de descanso e lazer, e durante diferentes alturas do dia, consoante a disponibilidade do informante. Os temas abordados respeitaram os temas típicos tratados em estudos de variação linguística: atividades tradicionais, festas regionais e acontecimentos da vida pessoal de cada informante. Todas as entrevistas foram conduzidas no sentido de se obterem registos de língua informais, o mais aproximados possível daquilo que é produzido pela camada jovem portuguesa. Ademais, os informantes foram informados do caráter informal e espontâneo que, idealmente, a entrevista teria de ter, ficando, dessa forma, à vontade para o seguimento da mesma.

Para a gravação, utilizou-se o gravador próprio de um iPhone 13 Mini. No total, e dado o número de informantes (cinco), foram recolhidos 8 minutos e 17 segundos de gravação, um número que, apesar de limitado, não impossibilitou a análise pretendida¹. Não houve quaisquer impedimentos para a audição das gravações, quer de parte técnica, quer de parte pessoal. Apesar de dois dos informantes apresentarem perturbações de fala (dislexia), não houve qualquer dificuldade de compreensão. Relativamente à componente tecnológica, não houve quaisquer tipos de falha.

No que se refere ao perfil dos participantes, para a realização das entrevistas, procurou-se que os informantes fossem ao encontro das características pedidas para a realização do inquérito. Posto isto, os informantes não deveriam ter idades inferiores a 18 anos, nem superiores a 40, e deveriam ser naturais de um dos municípios da Beira Baixa: Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Penamacor, Vila Velha de Ródão, Pampilhosa da Serra, Mação, Proença-a-Nova, Oleiros, Sertã e Vila de Rei. Para a recolha de dados sociolinguísticos, elaborou-se uma ficha de identificação na qual se pediam informações como a idade, o sexo, a localidade de nascimento, a localidade de residência, o tempo residido na localidade atual, o nível de escolaridade, a naturalidade de parentes próximos, como pais e irmãos, línguas estrangeiras faladas², experiências vividas que pudessem contribuir para o retrato pessoal e perturbações de fala.

Assim, num total de cinco informantes, contamos com dois homens e três mulheres; as idades variam entre os 19 e os 25 anos; as localidades de nascimento são várias, entre Idanha-a-Nova, Penha Garcia e Leiria; as localidades de residência são igualmente variadas, tais como Idanha-a-Nova, Castelo Branco, São Miguel d'Acha e Coimbra; os níveis de escolaridade variam entre Ensino Secundário e Mestrado; as línguas estrangeiras mais comuns são o Inglês e o Espanhol. Por sua vez, as ocupações profissionais variam bastante e têm aqui enor-

1 Numa segunda fase desta investigação, pretende-se ampliar o *corpus*, com gravações de maior duração. A nova amostra poderá confirmar as tendências aqui sugeridas, bem como apontar outros fenómenos expectáveis para a zona dialetal em estudo.

2 O interesse pela informação sobre as línguas estrangeiras prende-se ao facto de se pretender conhecer, em linhas gerais, o perfil sociolinguístico do informante, mais particularmente em relação à escolaridade. Não faz parte dos nossos objetivos desenvolver uma análise que correlacione a biografia linguística de cada informante e os fenómenos de variação produzidos.

me relevância: dois estudantes, um psicólogo, um contabilista e um auxiliar de electricista, cenários, portanto, muito distintos e que certamente influenciam o repertório linguístico de cada um³.

Relativamente às experiências vividas que contribuam para o retrato linguístico dos informantes, que constitui um dado sociolinguístico de destaque para a análise que se pretende, um informante entende que o contacto com naturais do Norte e do Alentejo contribui para o seu léxico e para a forma como pronuncia determinadas palavras; outro informante tem a mesma percepção, mas acrescenta o contacto com naturais dos Arquipélagos da Madeira e dos Açores, bem como o contacto próximo com a mãe, que é natural do Porto; um informante assinala a relação próxima com amigos do distrito da Guarda e idas frequentes a territórios espanhóis; outro informante afirma que o contacto com pessoas do Norte do país influencia o seu retrato linguístico ao nível do léxico; e um informante encontra-se num relacionamento amoroso com uma pessoa de nacionalidade cubana e afirma que a convivência com a mesma influencia, por vezes, e devido aos seus hábitos, a forma como pronuncia determinadas palavras.

Quanto a perturbações de fala, apenas dois informantes apresentem dislexia⁴ e afirmam ter sido seguidos por profissionais de terapia da fala. Os restantes informantes não apresentam qualquer distúrbio ao nível da linguagem.

Para a análise das entrevistas, fez-se a transcrição dos ficheiros de áudio obtidos, com o cabeçalho correspondente a cada um (com informações relativas a cada informante e ao assunto), de acordo com as seguintes normas: utiliza-se o código "INF" (com o respetivo número de identificação) para identificar o informador; utiliza-se o código "INQ" (com o respetivo número de ordem de fala; na existência de dois, são identificados com "INQ1" e "INQ2") para identificar o inquiridor, em itálico, para se distinguir do informador; para identificar segmentos produzidos que fogem à norma-padrão de produção do português europeu, transcrevem-se foneticamente e assinalam-se os mesmos com o código "PH" (phonetic) da seguinte forma: {PH|forma fonética=forma gráfica}; para identificar segmentos com a parte inicial truncada, transcrevem-se foneticamente e assinalam-se os mesmos com o código "IP" (inicial partial) da seguinte forma: {IP|forma truncada=forma completa}; para identificar formas contraídas, transcrevem-se foneticamente e assinalam-se as mesmas com o código "CT" (contracted), da seguinte forma: {CT|forma contraída=forma completa}; para identificar formas lexicais não-padrão (ou não dicionarizadas), assinalam-se as mesmas com o código "LX" (lexical) da seguinte forma: {LX|variante lexical}; para identificar formas sintáticas não-padrão, assinalam-se as mesmas a negrito; para identificar palavras ou sequência de palavras produzidas no mesmo momento de outra produção de palavras ou sequência de palavras (discurso de um informante produzido simultaneamente com o discurso de outro informante), assinalam-se as mesmas com sublinhado contínuo; para identificar pausas breves na fala, assinalam-se as mesmas com "/"; para identificar pausas longas na fala, assinalam-se as mesmas com "//"; para assinalar a repetição involuntária de uma palavra ou de um conjunto de palavras, utiliza-se o código "RP" (repeated) da seguinte forma: [RP|palavra ou palavras repetidas]; para assinalar disfluências no discurso, formas ou sequências não concluídas, utiliza-se o código "AB" (abandoned) da seguinte forma: [AB|forma ortográfica dos segmentos produzidos]; para assinalar mudanças no discurso, mantendo, no entanto, o tópico, utiliza-se "[//]"; para assinalar a reformulação total do discurso, utiliza-se "[///]"; para assinalar a incompreensão de uma única palavra, utiliza-se "xxx"; para assinalar a incompreensão de uma sequência de palavras,

3 Como se vê, o perfil dos informantes selecionados neste estudo é distinto do perfil dos informantes recrutados pelos estudos dialetológicos mais tradicionais, o que dificulta a comparação dos dados e dos resultados. Estamos totalmente conscientes desta limitação. O nosso intuito é, com esta primeira contribuição de natureza exploratória, apresentar, em linhas mais gerais, alguns aspetos de variação/mudança que deverão ser investigados de forma mais pormenorizada em trabalhos futuros.

4 Uma vez que a dislexia se relaciona mais diretamente com a leitura e com a escrita, a produção desses informantes foi considerada neste estudo.

utiliza-se “yyyy”; para assinalar risos, utiliza-se “hahaha”; para assinalar um discurso interrompido, utiliza-se “+”; para assinalar a suspensão intencional do discurso, utiliza-se “...”; para assinalar audições duvidosas, utiliza-se “(?)” (para assinalar interrogações, utiliza-se o sinal gráfico sem qualquer alteração); ara assinalar variantes morfológicas resultantes de processos de regularização analógica, utilizam-se aspas simples (“). A título de exemplificação, apresenta-se a transcrição de um excerto da entrevista de um dos informantes:

Localidade: Idanha-a-Nova
 Concelho: Idanha-a-Nova
 Distrito: Castelo Branco
 Data da entrevista: julho de 2024
 Sexo: feminino
 Idade: 25
 Escolaridade: Ensino Secundário
 Assunto: Rotina diária

INQ1 Como é que é o teu dia? O que é que costumás fazer?

INF1 Bem... Depende dos dias... Eu {PH|'so=sou} estudante universitária e de momento só {IP|'to=estou} a fazer cadeiras em atraso [AB|e], ou seja, não tenho / o horário totalmente preenchido. Tenho aulas segundas, quartas e quintas, ou seja, segundas, quartas e quintas, levanto-me de manhã, tenho aulas às nove, {PH|'vo=vou} {CT|'paz=para as} aulas. Depois costumo também ter aulas de condução, porque ainda {IP|'to=estou} a tirar a carta... // e nos dias / livres, costumo {IP|'tar=estar} em casa, estudar, o que não é maioritariamente verdade, porque eu não estudo assim tanto... Hahaha. Costumo jogar / Playstation. Muitas vezes converso com o meu namorado / por chamada porque {IP|'temu|=estamos} num relacionamento à distância, ele é de Campo Maior, é alentejano. 'Pronto', basicamente é isso. Outras vezes saio, {PH|'vo=vou} a festas, apanho bebedeiras... E é basicamente isso, é isso que eu faço.

Para terminar esta secção, cabe dizer que, dada a limitação da amostra, devido ao baixo número de informantes, o que repercute diretamente na ausência de diversidade e, conseqüentemente, representatividade, é pertinente afirmar que este estudo é de natureza exploratória. O nosso objetivo é apresentar, de forma geral e panorâmica, aspetos de variação e mudança registados no *corpus* que merecem ser investigados de maneira independente e verticalizada em trabalhos futuros.

2.2. Questionário lexical

O questionário lexical teve por base os itens lexicais estudados por Lindley Cintra na sua obra *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (1983) e os itens lexicais extraídos de transcrições realizadas dos excertos de áudio retirados da plataforma MADISON (Inácio, Osório & Marcotulio, 2025).

Dessa forma, o questionário apresenta três questões distintas. Na primeira, pede-se ao participante que seleccione o item lexical (variantes apresentadas por Lindley Cintra) que considera corresponder aos elementos em destaque, elementos esses «Extrair o leite», «(Fêmea) estéril», «Cria da ovelha» e «Cria da cabra», como mostra o exemplo abaixo:

Selecione o item lexical que considera corresponder ao elemento em destaque. Caso não reconheça nenhum, seleccione «Outra» e coloque «.». Caso conheça outra forma correspondente, seleccione «Outra» e indique qual.

- «Extrair o leite»
 () Mugir / mongir / mungir
 () Mojar / amojjar

- () Ordenhar
- () Munger
- () Outra:

Na segunda questão, pede-se ao participante que selecione, dos pares de itens lexicais apresentados (palmada/açoite, migas/açorda, enxada/alferce, travesseira/almofada, romaria/arraial, obrigado/a/bem-haja), o item lexical que lhe é familiar, ou, no caso de conhecer as duas opções, o que mais utiliza:

Selecione, do par de itens lexicais apresentados, o que lhe é familiar. No caso de conhecer as duas opções, selecione a que mais utiliza.

- () Palmada
- () Açoite

Por fim, na terceira questão, pede-se ao participante que indique, através de resposta curta, o significado que atribui aos itens lexicais apresentados («Machos», «Ranchada», «Acartar», «Gadanha», «Acalcar» e «Debulhar»), deixando o espaço de resposta em branco caso os desconheça.

Indique, através de resposta curta, o significado que atribui aos itens lexicais apresentados. Caso os itens lhe sejam desconhecidos, responda em branco.

«Machos» _____

As duas primeiras questões eram de carácter obrigatório; apenas a última era opcional, uma vez que o participante tinha a opção de deixar a sua resposta em branco, caso desconhecesse os itens lexicais apresentados.

O questionário foi divulgado através de plataformas digitais várias e foram recolhidas, no total, 119 respostas válidas. De forma a preservar a qualidade e honestidade de resposta, exigiu-se aos participantes a apresentação de um *e-mail* válido, de forma a poder avançar para o questionário, ainda que a sua identidade (nome e sexo) não fosse pedida, por razões de privacidade.

No que se refere ao perfil dos informantes, devido ao generoso número de respostas obtidas, considerou-se a elaboração de gráficos representativos das informações relativas à idade, naturalidade, local de residência, escolaridade e línguas estrangeiras dos participantes, visto serem fatores de destaque no que toca à variação linguística. Dessa forma, o presente estudo analisa indícios da variação, e da possível mudança linguística a ela associada, observada em função dos dados sociolinguísticos solicitados e inseridos pelos participantes. Assim sendo, o preenchimento destes dados era de carácter obrigatório, com exceção das línguas estrangeiras.

Posto isto, os informantes teriam de ser naturais ou residir num dos municípios pertencentes à Beira Baixa (Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Penamacor, Vila Velha de Ródão, Pampilhosa da Serra, Mação, Proença-a-Nova, Oleiros, Sertã e Vila de Rei). Os locais de naturalidade e de residência foram vários, mas Castelo Branco e Idanha-a-Nova destacaram-se em ambos (possivelmente devido ao facto de um dos investigadores, responsável pela divulgação do questionário, ser natural ou residente em Castelo Branco ou Idanha-a-Nova). Houve ainda respostas não especificadas, como «Portugal», «Portuguesa», «Brasileiro», «França» e «aldeia», talvez por incompreensão do próprio participante (confusão entre nacionalidade e naturalidade). A idade mínima para o preenchimento do questionário era de 18 anos e a máxima 40. Houve, pelo menos, um participante para todo o intervalo de idades pedido. A idade mais comum foi 23 anos, com quatorze participantes. Dos níveis de escolaridade, desde o 1.º ciclo ao Doutoramento, apenas esses dois, precisamente, não obtiveram qualquer seleção. O nível de escolaridade selecionado com mais frequência foi Licenciatura,

com quarenta e três participantes. Relativamente à questão sobre línguas estrangeiras, de carácter opcional, obtiveram-se 87 respostas, sendo a língua com maior representação o Inglês, com setenta e um participantes, seguido do Espanhol, com cinquenta e dois participantes. Destaque-se, claro, o desnível relativamente aos locais de naturalidade e residência, bem como os níveis de escolaridade, dois dos dados onde se verifica maior desigualdade relativamente ao número de participantes, pelo que a análise fica bastante condicionada a falantes licenciados e naturais e/ou residentes de Castelo Branco e Idanha-a-Nova (cf. Gráficos 2 e 3).

Em seguida, apresentam-se os gráficos representativos dos dados sociolinguísticos supracitados: idade, naturalidade, local de residência, escolaridade e línguas estrangeiras. Para a elaboração dos mesmos, utilizou-se o programa informático *Microsoft Excel*.

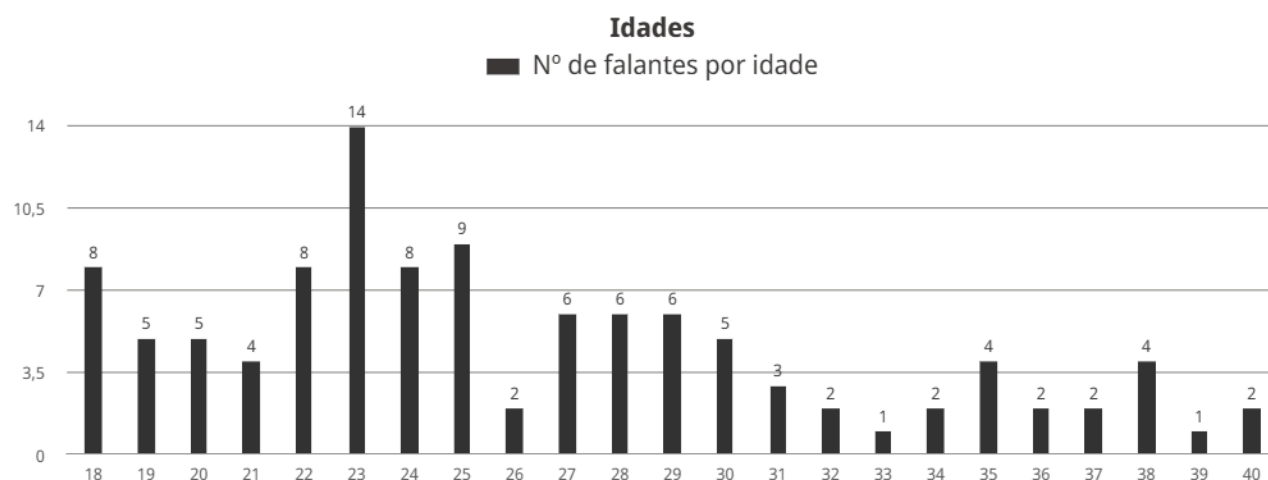


Gráfico 1. Idade dos participantes

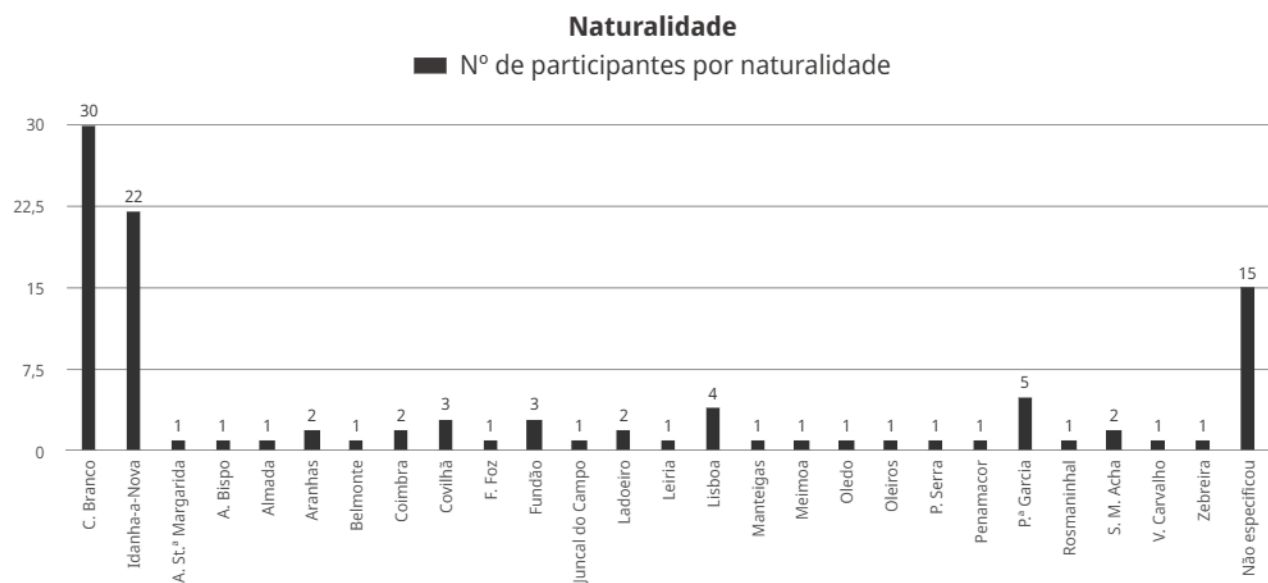


Gráfico 2 – Naturalidade dos participantes

Local de residência

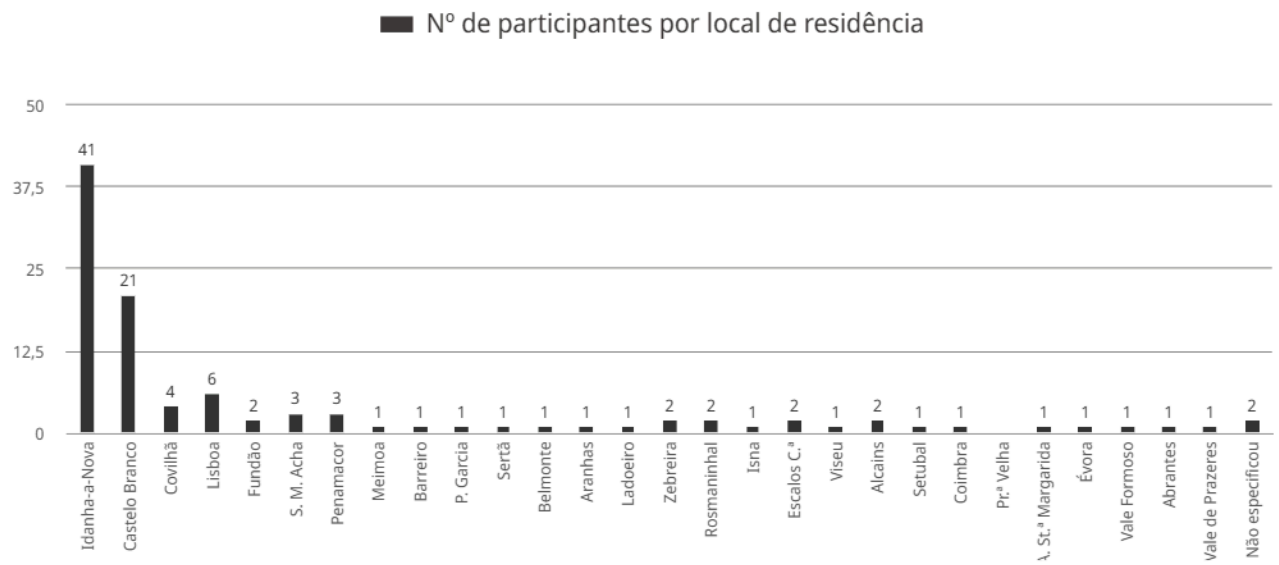


Gráfico 3 – Local de residência dos participantes

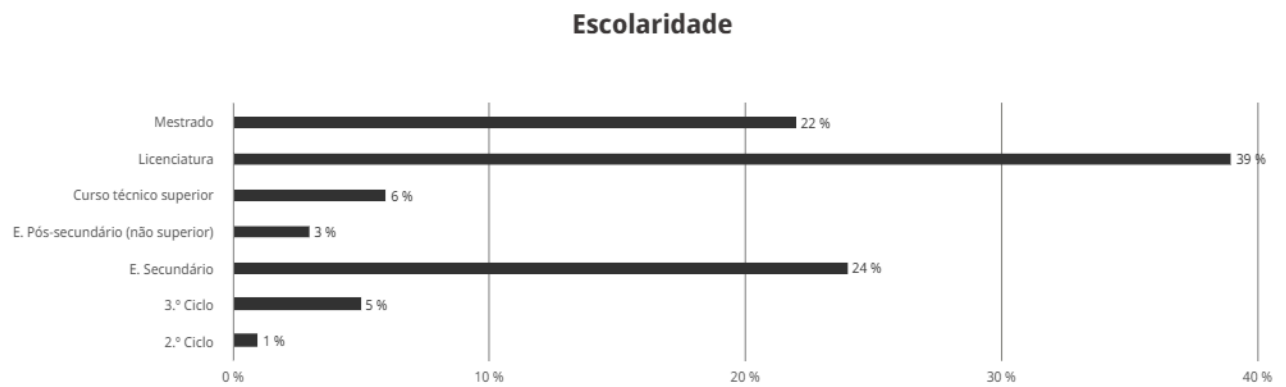


Gráfico 4 – Escolaridade dos participantes

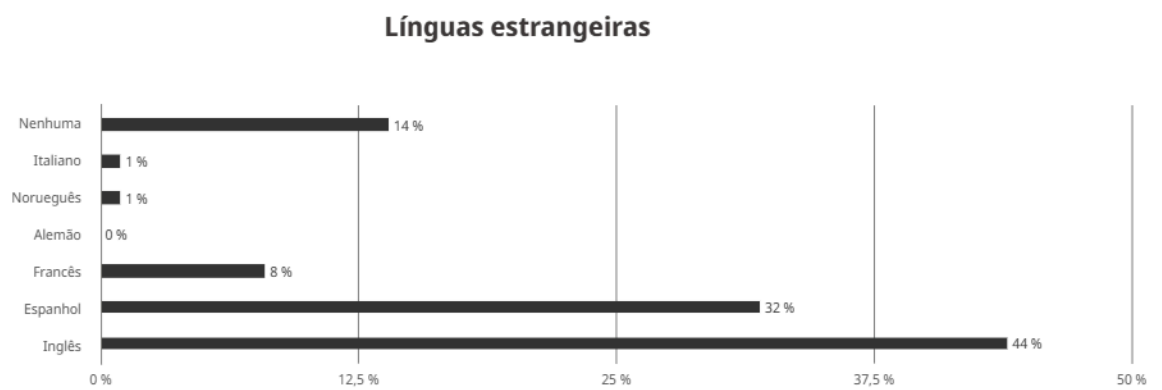


Gráfico 5 – Línguas estrangeiras faladas pelos participantes

3.

Análise dos dados

Para a análise da mudança linguística, consideramos, como ponto de partida, os fenómenos linguísticos apontados por Inácio, Osório & Marcotulio (2025), com base na análise da fala de informantes com idades superiores a 50 anos, como característicos do falar da variedade da Beira Baixa durante a segunda metade do século XX e verificamos quais deles ainda se produzem pela camada jovem e quais já entraram em parcial ou completo desuso.

3.1. Fonética

No âmbito da fonética, os fenómenos que mais se destacaram no falar dos falantes da Beira Baixa, como mostram Inácio, Osório & Marcotulio (2025), foram: (1) a palatalização de *a* tónico, (2) a labialização do *e* tónico em [œ], (3) a manutenção de [e] e ausência de avanço para [e], (4) a redução da vogal *i*, (5) a inserção de *i* em posição final de palavra, (6) a palatalização de *u*, (7) a monotongação, (8) a realização da africana palatal surda, e (9) a supressão da fricativa [s] em posição final de palavra. De todos estes fenómenos, pode adiantar-se que os fenómenos (1), (2), (4), (5), (6), (8) e (9) não se verificaram em nenhum dos informantes jovens, o que era expectável, dada a mudança linguística que já se tem verificado e anotado em vários estudos e o próprio contacto que um dos investigadores tem com falantes das idades mencionadas naturais da zona em estudo.

Em relação ao fenómeno (3), mais frequente em palavras terminadas em *-elho*, *-elha*, *-enho* e *-enha*, numa única ocorrência registada, observa-se a realização [e], [ˈkweɫu] (*coelho*), ao contrário do que seria expectável na norma-padrão, [ˈkweɫu].

Relativamente ao fenómeno (7), não se observa a monotongação do ditongo *ei*, produzindo-se na íntegra, como em «cadeiras em atraso» e «apanho *bebedeiras*». Da mesma forma, a monotongação⁵ do ditongo *eu*, que em Inácio, Osório & Marcotulio (2025) foi notada com frequência na produção de pronomes possessivos como *meu*, *teu* e *seu*, deixa de ser registada: «com o meu namorado»; «tenho lá os meus pais». Já o ditongo *ou*, que não teve muita representação no falar dos informantes mais velhos, encontra nesta análise um maior destaque, com a monotongação em todas as produções das formas «vou» e «estou» e ainda alguns itens lexicais. Os informantes 2 e 3 não apresentam fenómenos desta natureza, uma vez que não produziram nenhuma das formas mencionadas. Vejam-se os resultados na seguinte tabela:

	Produções encontradas
INF 1	«Eu {PH so=sou} estudante»; «só {IP to=estou} a fazer»; «{PH vo=vou} {CT paz=para as} aulas»; «{PH vo=vou} a festas»
INF 2	-
INF 3	-
INF 4	«{PH vo=vou}, tipo, é só uns três amigos»; «{IP to=estou} a gostar»
INF 5	«{PH vovu3=vou-vos} contar»; «Ela {PH ji'go=chegou}»; «{PH vo=vou} {CT pe=para} casa»; «{PH vo=vou} tomar um banhinho»; «{PH vomi=vou-me} arranjar»; «{PH vo=vou} ter uma churrascada»; «{PH vo=vou} lá jantar»; «{PH vo=vou} metê-la»; «{PH vo=vou} entrar»

Tabela 1. Monotongação de *ou*

5 Os processos de variação/mudança envolvendo os três ditongos apresentados nesta secção, *ei*, *eu* e *ou*, apresentam características próprias no que se refere à sua distribuição, produtividade e extensão geográfica. Não é nosso intuito fazer uma análise comparativa entre eles; objetivamos apenas apresentar, de forma exploratória, o seu comportamento nos dados recolhidos nesta investigação.

Apesar de não ter sido apontado por Inácio, Osório & Marcotulio (2025) como característico do falar da Beira Baixa, um dos fenómenos mais frequentes e que vale a pena destacar é a truncação da parte inicial do verbo *estar*, fenómeno que acontece sem qualquer exceção nas produções obtidas dos informantes jovens. Todos os informantes, sempre que utilizavam o verbo *estar*, truncaram a sua parte inicial, *es-*. Da informante 2 não se obtiveram produções desta natureza porque a mesma não produziu qualquer flexão do verbo *estar* em nenhum momento. Vejam-se, na seguinte tabela, os exemplos retirados da análise individualizada dos informantes:

	Produções encontradas
INF 1	«{IP 'to=estou} a fazer cadeiras em atraso»; «{IP 'to=estou} a tirar a carta...»; «costumo {IP 'tar=estar} em casa»; «{IP 'temuf=estamos} num relacionamento à distância»
INF 2	-
INF 3	«onde {IP 'temuf=estamos} em convívio»;
INF 4	«{IP 'ta=está} quase a acabar»; «mas {IP 'to=estou} a gostar»
INF 5	«{IP 'ti'vemuf=estivemos} à conversa»; «nós {IP 'tavemuf=estávamos} cansados»; «{IP 'ti'vemuf=estivemos} a comer»; «{IP 'to=estou} com muitas alergias»; não posso {IP 'tar=estar} aqui»

Tabela 2. Truncação da parte inicial do verbo *estar*

3.2. Morfossintaxe

Com base em Inácio, Osório & Marcotulio (2025), para a análise morfossintática dos informantes consideraram-se fenómenos como (1) a presença da preposição *a* antecedendo o infinitivo do verbo; (2) o uso de *Ele* expletivo; (3) o uso de pronomes clíticos em próclise; (4) o uso de advérbios de lugar em posição pré-verbal; e (5) o uso de *ao depois*. Posto isto, podemos afirmar que, na presente análise, os fenómenos (2), (3), (4) e (5) não se verificaram nas produções dos informantes estudados.

Encontram-se alguns casos de colocação da preposição *a* antes do infinitivo de verbos como *ir* («Vamos a ver o Saúl», «Vamos a ver», «Fomos a beber umas cervejas»). No entanto, estas produções foram esporádicas e não são consideradas um padrão no falar dos informantes em questão. Estes resultados podem ser tomados como evidência da mudança linguística, uma vez que os usos caracterizadores da variedade em estudo na segunda metade do século XX deixam de ser registados na fala de jovens de 2024, ano em que foram feitas as gravações.

Convém, também, analisar algumas construções com verbos auxiliares. Vejam-se os exemplos produzidos pelo informante 5, «{PH|'vovuɜ=vou-vos} contar» (vou-vos contar) e «{PH|'vomi=vou-me} arranjar» (vou-me arranjar). Segundo gramáticas como a de Cunha & Cintra (1984), de orientação normativa, em construções com verbos auxiliares, os clíticos não se associam ao verbo principal, sendo as construções corretas «vou contar-vos» e «vou arranjar-me». Entenda-se:

1. Nas LOCUÇÕES VERBAIS em que o verbo principal está no INFINITIVO ou no GERÚNDIO pode dar-se:
 - 1.º) Sempre a ÊNCLISE ao infinito ou ao gerúndio:
 - O roupeiro veio interromper-me. (Raul Pompeia, A, 37)
 - Que poderá dizer-nos aquele rato de biblioteca? (Aquilino Ribeiro, AFPB, 215.)
 - Só quero preveni-lo contra as exagerações do Prólogo. (Antero de Quental, C, 314.) [...] (Cunha & Cintra, 1984: 314-315)

As exceções para estas construções são, segundo os mesmos autores, quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, quando as orações são iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos, quando o verbo principal está no particípio, entre outras (cf. Cunha & Cintra, 1984: 315-316). No entanto, os falantes têm vindo a mostrar que, quando o verbo principal se encontra flexionado no infinitivo ou no gerúndio («mostrar» e «arranjar», no caso), o clítico oscila entre a associação ao verbo auxiliar e a associação ao verbo principal. Os autores já o tinham notado, afirmando que pode dar-se ênclise ao verbo auxiliar «quando não se verificam [...] condições que aconselham a próclise» (Cunha & Cintra, 1984: 316), dando posteriormente exemplos com verbos flexionados no infinitivo e no gerúndio. É, portanto, curioso notar que, nestas produções, o informante opta por utilizar o clítico no verbo auxiliar. No entanto, dadas as circunstâncias (tempo de gravação limitado), não é possível afirmar que existe um padrão na sua utilização, apesar de se saber que é um fenómeno alvo de mudança.

Por fim, tratemos de dois aspetos que operam na interface gramática-pragmática. Não mencionado em Inácio, Osório & Marcotulio (2025) e com alguma relevância nesta análise, é a utilização do termo «tipo» e o valor que apresenta. Vejam-se os exemplos produzidos pela informante 4 «{PH|'vo=vou}, tipo, é só uns três amigos, também», «Um pré, tipo... Pré-festa», «o [RP|gosto] das matérias, gosto, tipo, no geral». Em todos estes exemplos, a palavra «tipo» pode ser classificada como um marcador discursivo, isto é, uma expressão linguística sem função sintática dentro da frase e sem contributo para o sentido proposicional do discurso, servindo apenas para conectar enunciados, introduzir novos temas e facilitar o contacto entre o locutor e o interlocutor (cf. DGE, 2008: 115). Desta forma, esta utilização do termo «tipo» é equiparável à utilização de marcadores conversacionais ou fáticos. Já no dicionário Infopédia o termo «tipo» vem definido como «gíria, termo esvaziado de sentido, usado como bordão linguístico» (Infopédia, 2024: «tipo»). Destaque-se que esta utilização do «tipo» é cada vez mais comum, principalmente em discurso informal, mas também já começa a ser notada em discurso formal, como discursos jornalísticos, reportagens, entrevistas de carácter formal, etc. Esta será, decerto, uma das mudanças linguísticas que se podem notar entre os informantes considerados em Inácio, Osório & Marcotulio (2025) e os informantes aqui analisados.

Da mesma forma, produções como «pá» e «eh pá» foram bastante frequentes («e, 'eh pá', assim mais difíceis também»; «'Pá', {IP|ti'vemu|=estivemos} a comer», «'Pá', {LX|iá}, depois, vamos {CT|'pe=para} casa», «'eh pá' e é assim»). Estas expressões, que não tiveram representatividade na análise realizada na fala de informantes mais velhos, poderão ter o valor de bordão linguístico, servindo para preencher o silêncio entre as diferentes produções dos falantes.

3.3. Léxico

No que diz respeito aos informantes jovens, a análise lexical terá por base as transcrições das entrevistas e o questionário anteriormente mencionado, no qual foram testadas variantes previamente abordadas. Elaborou-se para todos os itens lexicais estudados um gráfico representativo da seleção dos mesmos, que poderá ser consultado imediatamente a seguir à análise qualitativa dos resultados.

Relativamente à análise das transcrições das entrevistas, apontaram-se apenas duas produções lexicais distintas: «bué» e «iá». Tanto uma como outra não serão surpresa para os estudiosos da língua e da sua variação. O uso de «bué», do quimbundo *mbuwe*, começou a ser utilizado entre os jovens portugueses e foi de tal forma persistente que passou a ser, há já algum tempo, uma palavra dicionarizada. Segundo os dicionários *on-line* Priberam e Infopédia, «bué» pode ser um advérbio ou um quantificador existencial, sendo o seu significado geral «muito» ou «grande número ou quantidade». O informante 3 normalizou o seu uso ao produzir «Eu não

vou muito à praxe, mas no início ia **{LX|bué}**». Já a forma «iá», com origens no africânder *ya*, está definida pelos mesmos dicionários como uma forma de exprimir «afirmação, concordância, aprovação», sendo sinónimo de «sim». No entanto, através do uso dado pelo informante 5, verificamos que o «iá» tem estado também muito próximo de um bordão linguístico parecido ao «tipo», já analisado. Vejam-se as produções «[...] isto é no meio do campo e eu não posso {IP|'tar=estar} aqui. **{LX|Iá}**, e agora {PH|'vo=vou} {CT|'pe=para} casa [...]» e «'Pá, **{LX|iá}**, depois, vamos {CT|'pe=para} casa, dormimos». Estas são apenas duas produções que demonstram a variação e, conseqüentemente, mudança linguística entre falantes de idades mais avançadas e falantes jovens, indícios de uma variação diacrónica que nos mostra como a língua se encontra em constante mudança, uma vez que os falantes procuram de forma sistemática novas formas de comunicar entre si.

Em seguida, tentou-se aferir, tendo em conta alguns dos itens lexicais estudados por Cintra (1983)⁶, qual das variantes apontadas pelo linguista seria a mais utilizada pelos falantes jovens da Beira Baixa. Posto isto, para a forma «Ordenhar», testada no questionário sob a forma «Extrair o leite», uma vez que a variante apontada pelo linguista para a zona da Beira Baixa é «Ordenhar» (cf. Cintra, 1983: 62), a variante mais selecionada, com um total de 103 seleções, foi, precisamente, «ordenhar». As variantes «mugir», «mungir» e «mongir», ainda que apenas com 6 seleções, não são desconhecidas aos falantes. O Gráfico 6 demonstra a representatividade das variantes.

Por sua vez, para a forma «(Fêmea) estéril», apresentaram-se todas as variantes abordadas por Cintra. Para a zona da Beira Baixa, esperava-se que a variante mais selecionada fosse «Maninha», como indicado por Cintra (cf. Cintra, 1983: 71), no entanto, tal não se verificou. A variante «Maninha» foi, a par com as variantes «Capoa», «Forra», «Machia», «Boeira» e «Alfeira», uma das variantes com menos representação. A variante «Sandeira» não foi selecionada por nenhum dos participantes. Com um total de 36 seleções, a variante mais selecionada foi «Machorra», contrariando todas as expectativas. Saliente-se ainda que uma grande parte dos participantes (29) afirmou não conhecer nenhuma das opções, o que indica um desconhecimento, provavelmente cada vez mais comum, de todas as variantes levantadas. Estes resultados podem sugerir uma mudança linguística desencadada por uma mudança de natureza social. Com o aumento das migrações para os grandes centros urbanos e seleção de formações e oportunidades de trabalho ligadas a comércio, indústria e tecnologia, os jovens, cada vez mais, afastam-se do ambiente, e conseqüentemente, do léxico rural. O Gráfico 7 expressa a representatividade para cada uma das variantes selecionadas.

Para a forma «Cria da ovelha», é evidente que a variante «Anho» não tem representação na zona da Beira Baixa, tal como se esperava. «Borrego» foi a variante mais selecionada, com um total de 86 seleções, tal como já indicava Cintra (cf. Cintra, 1983: 76). «Cordeiro», ainda que não seja desconhecida, apenas foi selecionada por 20 participantes. Depreende-se, desta forma, que a variante mais utilizada pelos falantes jovens da Beira Baixa é «Borrego». O Gráfico 8 demonstra a representatividade de ambas as variantes.

Por último, a forma «Cria da cabra» assemelha-se bastante com o descrito para a forma «Cria da ovelha» em termos numéricos. Contrariando o expectável, foram 84 os participantes que selecionaram a variante «Cabrito» e apenas 21 os que selecionaram «Chibo», o que contesta claramente o descrito por Cintra, que afirma ser «Chibo» a variante mais utilizada na zona da Beira Baixa (cf. Cintra, 1983: 81). Verifica-se, portanto, uma mudança linguística por parte dos falantes jovens. O Gráfico 9 evidencia esta representação.

6 Para um novo olhar sobre a proposta de Cintra, ver Álvarez & Saramago (2012).

«**Extrair o leite**»

Gráfico 6. Representação de variantes da forma «Extrair o leite»

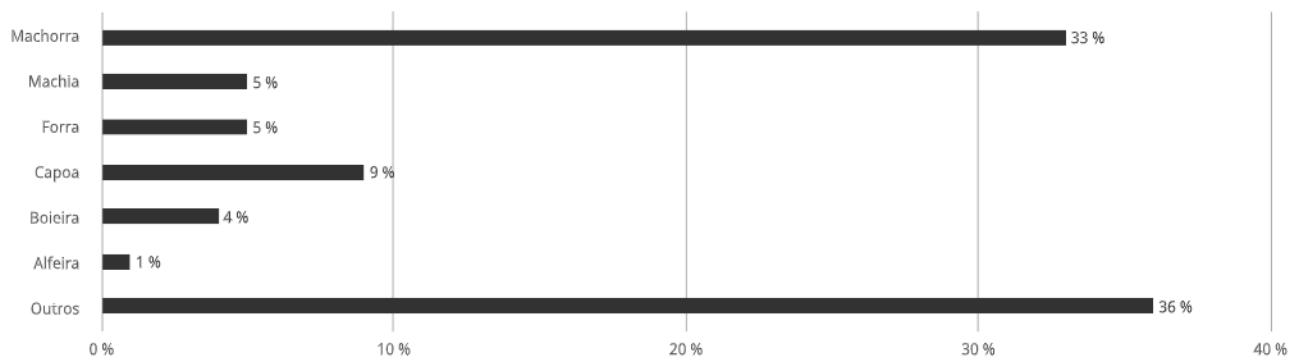
«**(Fêmea) estéril**»

Gráfico 7. Representação de variantes da forma «(Fêmea) estéril»

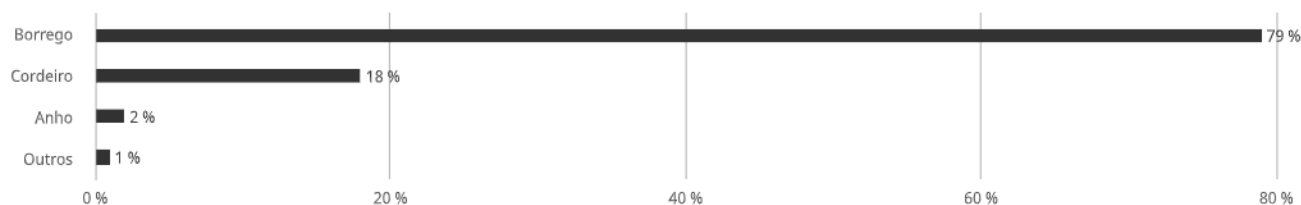
«**Cria da ovelha**»

Gráfico 8. Representação de variantes da forma «Cria da ovelha»

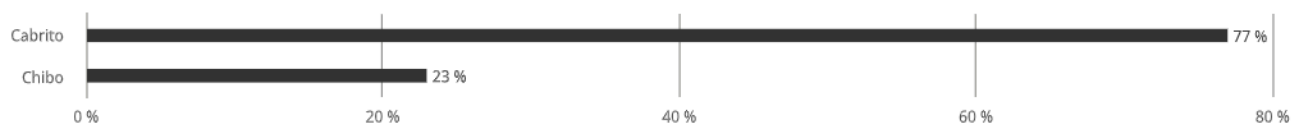
«**Cria da cabra**»

Gráfico 9. Representação de variantes da forma «Cria da cabra»

Num segundo momento, o objetivo foi perceber, através de pares de itens lexicais, qual das opções dadas seria a mais utilizada pelos falantes. Os itens lexicais escolhidos, partindo do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Antenor Nascentes e do artigo «A propósito de áreas lexicais no território português (algumas reflexões acerca do seu condicionamento)» de Orlando Ribeiro, foram «*Palmada/Açoite*», «*Migas/Açorda*», «*Enxada/Alferce*», «*Travesseira/Almofada*», «*Romaria/Arraial*» e «*Obrigado/a/Bem-Haja*»⁷, este último anali-

sado por Brissos (cf. Brissos, 2011: 168). Posto isto, e não havendo quaisquer dados que indiquem qual dos itens lexicais é mais comum na área em estudo, os participantes, através das suas respostas, indicam-nos que as variantes «Palmada», «Migas», «Enxada», «Almofada», «Romaria» e «Obrigado/a» são as mais comuns aos falantes jovens naturais ou residentes na zona da Beira Baixa, com 95, 69, 106, 90, 86 e 63 seleções, respetivamente. No entanto, sublinhe-se que todas as outras variantes foram selecionadas, umas em muito maior número do que outras, pelo que não são desconhecidas a uma parte dos falantes. Destaque-se ainda que, contrariando o que Brissos (2011) afirma, a variante «Bem-haja», ainda que bem reconhecida pelos falantes (com 46 seleções), está longe de ser a mais utilizada pelos falantes jovens. No Gráfico 10 encontram-se representadas todas as variantes mencionadas.

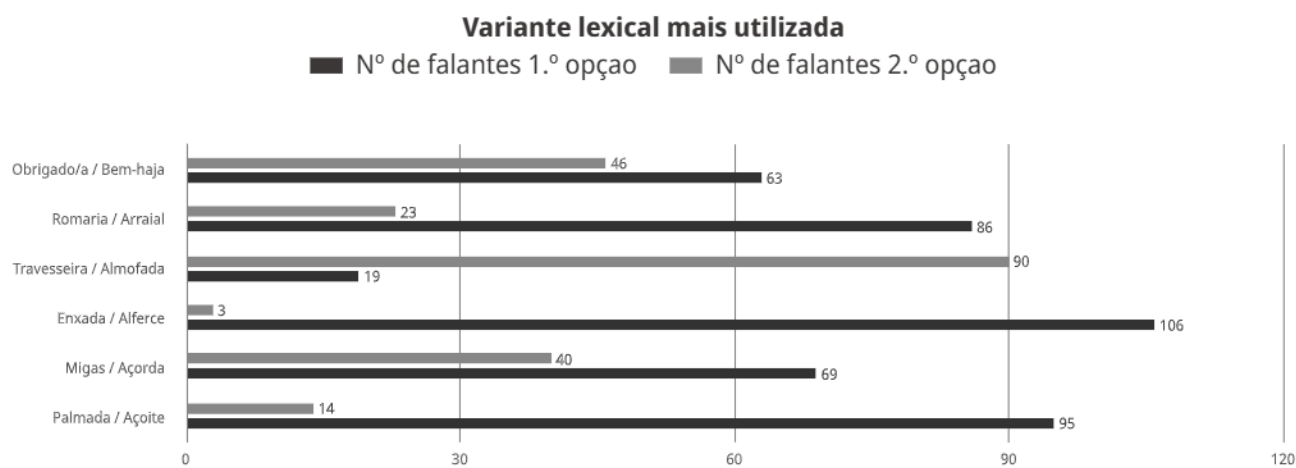


Gráfico 10. Representação dos pares de itens lexicais

Num terceiro momento, tentou-se determinar se os falantes jovens da Beira Baixa conhecem ou utilizam as variantes lexicais apresentadas, e em que contextos: «Machos», «Ranchada», «Acartar», «Gadanha», «Acalcar» e «Debulhar», apenas algumas das variantes lexicais disponíveis nos ficheiros de áudio dos falantes mais velhos. Para tal, pediu-se que indicassem o significado que atribuem às mesmas, deixando o espaço de resposta em branco caso não conhecessem as formas.

Ora, a variante «Machos» é interpretada pelos informantes mais velhos como «burros» ou «bois», ou seja, «Machos» indica um animal de pasto. Dadas as respostas obtidas no questionário, de naturezas várias, uma vez que teriam de indicar o significado através de resposta curta, «Machos» foi interpretado pelos falantes jovens como um equivalente de «Sexo masculino» (31 respostas), «Homens» (27 respostas), «Animais do sexo masculino» (quatorze respostas), «Burros» (nove respostas), «Cavalos» (duas respostas) e «Bois» (uma resposta). Os restantes participantes deixaram a questão em branco, o que indica que, possivelmente, não reconhecem o significado que a variante poderá compreender.

A variante «Ranchada», com um total de apenas dezanove respostas, indica ser uma variante já pouco utilizada pelos falantes jovens. «Ranchada», no contexto em que foi utilizada pelos falantes mais velhos, designa um «grupo numeroso de pessoas» e era essa a resposta que se esperava obter. Das dezanove respostas,

7 Em cada caso, as palavras estão organizadas da seguinte forma: «forma de uso mais estendido, preferencialmente considerada padrão/forma de uso dialetal».

apenas onze lhe atribuíram esse significado. Outras interpretações foram feitas, como «Almoçarada», «Rancho», «Fenda», «Ribeira», «(Lenha) cortada», «Conjunto de animais» e «(Algo) partido». No entanto, não têm representação significativa.

Por sua vez, a variante «Acartar» parece ser ainda conhecida e bastante utilizada pelos falantes jovens. A forma foi utilizada pelos falantes mais velhos como uma variante de «carregar» ou como «o ato de levar de um lado para o outro». Ao analisarmos as respostas obtidas, verificamos que continua a ser esse o significado atribuído pelos jovens falantes ao verbo. Assim, atribuíram-se formas equivalentes a «Levar» (55 respostas) e «Carregar» (39 respostas), sendo estas as respostas com maior representação. Outros significados foram atribuídos, como «Aceitar ordens», «Arrumar» e «Guardar», porém, sem valor significativo.

A variante «Gadanha», utilizada pelos informantes mais velhos como designação de uma ferramenta agrícola, teve respostas várias: trinta e cinco participantes deixaram a questão em branco, o que indica desconhecimento por parte dos mesmos; «Foice», «Ferramenta agrícola» e formas semelhantes foram a resposta mais frequente, inserida por quarenta e cinco participantes, seguidas de «Cabelo» (seis respostas), «Unhas» (seis respostas) e «Colher» (quatro respostas). Tal como mencionado acima, estes resultados pode sugerir um cenário de uma mudança linguística encaixada numa mudança social, relacionada à falta de contacto dos jovens com o universo rural e, conseqüentemente, com as formas linguísticas que a ele pertencem. Houve ainda interpretações sem representação significativa, como «Ovelha», «Fogueira», «Corte», «Panela», «Bofetada» e «Confusão».

Por seu turno, a variante «Acalcar», sem dúvida a mais popular entre os falantes jovens, foi utilizada pelos informantes mais velhos como verbo sinónimo de «pisar» ou «esmagar», tendo sido precisamente esses os significados dados pelos participantes: a forma «Pisar» e semelhantes foram utilizadas por sessenta e sete participantes, seguida de «Esmagar», com nove respostas. Outros significados foram atribuídos, porém, sem representação: «Tocar», «Tranquilizar» e «Apalpar». Destaquem-se ainda as doze respostas em branco, que indicam relativo desconhecimento.

Por último, a variante «Debulhar» destaca-se como uma das menos populares entre os falantes jovens, com um total de trinta e uma respostas em branco. No entanto, tendo sido utilizada pelos informantes mais velhos como uma variante sinónima de «descascar» ou «desfolhar», também os falantes jovens parecem interpretá-la como tal. A resposta mais frequente foi, precisamente, «Desfolhar» (trinta e duas respostas), «Descascar» (trinta e uma respostas) e semelhantes. Houve ainda quem interpretasse o termo como uma variante de «Triturar», «Milho», «Comer», «Escolher», «Cortar», «Falar», «Ceifar» e «Malhar», no entanto, sem qualquer representação.

4.

Considerações finais

Com as entrevistas levadas a cabo, tomou-se nota de que, em relação à fonética: (i) a palatalização de *a* tónico, um dos fenómenos destacados no falar dos informantes mais velhos, não é registada na fala dos falantes jovens; (ii) a manutenção de [e] (e, conseqüentemente, ausência de realização como [e]) continua a produzir-se pelos falantes jovens, sendo produções como [o'reʎe] e [o'veʎe] habituais entre os mesmos; (iii) a palatalização de *u*, o fenómeno considerado como um dos mais comuns no falar da Beira Baixa, deixa de ser produzido pelos falantes jovens; (iv) a monotongação, uma das características mais marcadas do falar da zona, e, em especial, a monotongação de *ei* e *eu* (as mais frequentes), deixa de ser produzida pelos falantes jovens; em contrapartida, o ditongo *ou* continua a ser monotongado em [o], não tendo havido nenhuma produção de

[ow]; (v) a africada palatal surda, também bastante frequente na fala dos falantes mais velhos, perde toda a sua representação, não havendo qualquer produção da mesma por parte dos falantes jovens; e (vi) a supressão de [s] em posição final de palavra deixa de acontecer com a frequência obtida na fala dos mais velhos.

Em relação à morfossintaxe, observa-se, num primeiro momento, que o uso da preposição *a* antecedendo o infinitivo do verbo *ir* é ainda registado na oralidade dos jovens. Quanto aos restantes fenómenos apontados, o uso de *e/le* expletivo, de pronomes clíticos em próclise, de advérbios de lugar em posição pré-verbal e do uso de «ao depois» não tiveram qualquer produção nas entrevistas, embora se acredite que não será impossível encontrá-los em conversas espontâneas entre jovens.

Quanto ao léxico, destacam-se duas variantes comuns aos falantes jovens e que não foram produzidas, em momento algum, pelos informantes mais velhos: «bué» e «iá». No que toca à variação lexical abordada em Cintra (1983) e avaliada através do questionário mencionado anteriormente, observou-se que, contrariando o expectável, a forma «maninha» deixou de ser a mais utilizada pelos falantes, sendo «machorra» a opção mais escolhida pelos jovens; ainda assim, a maior parte dos falantes demonstrou não conhecer nenhuma das opções; da mesma forma, «chibo» contrariou todas as expectativas, sendo «cabrito» a opção mais escolhida pelos falantes. Já a forma de agradecimento abordada em Brissos (2011), «bem-haja», demonstra continuar em uso, mas em constante disputa com a variante «obrigado/a». As mudanças lexicais sugeridas pelos dados podem ser um reflexo de mudanças sociais em curso: o progressivo abandono do universo rural pelos jovens faz-se notar na ausência de familiaridade com as formas linguísticas que dele fazem parte.

Em síntese, é curioso notar a forma como certas características, sejam elas fonéticas, morfossintáticas ou lexicais, que eram comuns em gerações passadas, desaparecem gradualmente, dando lugar a novos padrões de uso. Com este estudo exploratório, verificou-se uma série de mudanças no falar de jovens da Beira Baixa, onde aspetos como a palatalização do *a* tónico, a palatalização de *u*, a africada palatal surda, a monotongação do ditongo *ei* e a preferência por *maninha* e *chibo*, por exemplo, já não são predominantes. Não será correto afirmar que se extinguiram, porque certamente ainda serão produzidos por um determinado número de falantes, mas serão, decerto, menos frequentes do que eram nos finais do século XX. Investigações futuras, que contemplem de forma mais pormenorizada os fenómenos aqui apontados e que considerem informantes com outros perfis sociolinguísticos, como os menos urbanizados, por exemplo, poderão confirmar (ou não) as tendências gerais aqui sugeridas. Importa referir, também, que, além desse grupo de fenómenos de mudança linguística, relacionado ao abandono de variantes dialetais características da região em análise e na direção da adoção de variantes urbanas de prestígio, estariam, também, em operação fenómenos linguísticos mais generalizados em todo o território, isto é, não sensíveis a fatores de natureza diatópica (como o uso de *bué*, *iá* e *tipo*, bem como a subida do clítico em perífrases verbais com o verbo *ir*).

Todas estas mudanças representam um novo estágio na evolução da língua portuguesa, no geral, e no falar da Beira Baixa, em particular, estágio esse influenciado por uma variedade de fatores, incluindo o contacto linguístico entre falantes, mudanças sociais e culturais, o papel da escola no ensino das formas padrão, bem como a já tão conhecida influência dos média e da tecnologia.

Referências bibliográficas

Álvarez, Xosé Afonso, & Saramago, João (2012). "Áreas lexicais galegas e portuguesas: um novo olhar para a proposta de Cintra", *Estudis Romànics*, 34, 55-97.

Brissos, Fernando (2011). *Linguagem do Sueste da Beira no Tempo e no Espaço*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa. Repositório da Universidade de Lisboa. P. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4466>. (Consultado em 30.10.2025).

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (s/d). *MADISON - A Sound Map for Portuguese Dialects*. Disponível em <http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=home>. (Consultado em 30.10.2025).

Cintra, Luís Filipe Lindley (1971). "Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses", *Boletim de Filologia*, XXII, 81-116.

Cintra, Luís Filipe Lindley (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

Cuesta, Pilar Vázquez, & Luz, Maria Albertina Mendes (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.

Cunha, Celso, & Cintra, Luís Filipe Lindley (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Direção Geral da Educação (2008). *Dicionário Terminológico*. P. Disponível em <https://apoioescolas.dge.mec.pt/recursos/dicionario-terminologico>. (Consultado em 30.10.2025).

Inácio, Joana, Osório, Paulo, & Marcotulio, Leonardo (2025). "Variação dialetal no Português Europeu: aspectos linguísticos da variedade da Beira Baixa", *LaborHistórico*, 11(1), 1-22. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v11i1.68319>.

Martins, Ana Maria (coord.) (1999-2022). *CORDIAL-SIN: Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*. Lisboa: CLUL.

Nascentes, Antenor (1955). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

Paiva Boléo, Manuel, & Santos Silva, Maria Helena (1974). "O mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental", *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, I (Tomo I), 310-351.

Ribeiro, Orlando (1965). "A propósito de áreas lexicais no território português", *Boletim de Filologia*, XXI, 177-205.

Segura, Luísa (2013). "Variedades dialetais do português europeu". Em Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do, Mota, Maria Antónia Coelho da, Segura, Luísa, & Mendes, Amália (eds.), *Gramática do Português*. Vol. 1, 83-142. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vasconcelos, José Leite de (1911). *Lições de philologia portuguesa dadas na Biblioteca Nacional de Lisboa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega)

Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidade de Santiago de Compostela (España)

Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)
Xavier Varela Barreiro, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)
Maria Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes
e Alto Douro (Portugal)

Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Ângela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)
Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Universidade da Coruña (España)
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)
Mária Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Marta Segarra, CNRS (Francia) / Universitat de Barcelona (España)
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)
Rafael Lluís Ninyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciència,
Generalitat Valenciana (España)



Depósito legal/ C584/2000
ISSN/ 1576-2661
ISSN-e 2444-9121
Deseño/ Novagarda